ANO 6.º — Sexta-feira, 18 de Abril de 1913 — NUMERO 268

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . . *Esc.* 1,20
Semestre . . . . . . « 0,60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . « 2,50
Avulso . . . . . . « 0,02

REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Um atentado contra o rei de Hespanha

O telegrafo comunicou para todo o mundo, no dia 13, que S. M. o rei de Hespanha fôra alvo mais uma vez dum atentado anarquista quando, a cavalo, atravessava a *Calle de Alcalá*, mas que dos tres tiros disparados por Sancho Alegre saíra ileso, tendo este sido preso.

Como é natural a noticia fez sensação e os jornais dedicaram ao caso longas colunas, comentando-o a seu modo. Nenhum, porém, deixou de reprovar o audacioso acto, que de novo pôz em foco o visinho reino, censurando todos o procedimento de Sancho por nada se encontrar quê o justifique a não ser a obcecação de se tornar celébre pelo assassinio.

Um dos nossos mais brilhantes escritores contemporaneos, que é ao mesmo tempo um sociologo e observador que faz honra ao seu país, Mayer Garção, referindo e comentando tambem o recente atentado, escreve:

«De todos os atentados contra a vida de chefes de Estado ou de chefes de govêrno que ultimamente se teem produzido, o unico que se explica é o que custou a vida ao rei D. Carlos. O atentado é sempre um recurso extremo. Como fulmina a inviolabilidade da vida humana, em principio, é sempre condenavel. As circumstancias, porém, muitas vezes o atenuam e até o engrandecem. Com a morte do rei D. Carlos não havia apenas a finalidade de uma vindicta. Essa não a absolvem os espiritos que na justiça e na humanidade se inspiram. Havia a de desoprimir um povo. A morte dêsse rei devia forçosamente ter, como teve, consequencias uteis para a liberdade. Era a força em que se amparava o seu primeiro ministro, o sombrio ditador, que resuscitava as normas da tirania nas nossas épocas de emancipação. Morto o rei, o ditador desapareceu; a tirania evaporou-se. Mas na Grecia não havia nenhuma tirania a castigar, e a morte do rei Jorge foi simplesmente—uma morte. Onde a obra de vida? Foi só a obra da morte, que é barbara e estéril. Pouco antes, Canalejas caía, victima igualmente de um atentado. Foi tambem uma obra de morte, de que não brotou a minima parcela de vida. Morto Canalejas, a sua politica, bôa ou má, subsistiu. Que diferença se nota entre a Hespanha de Canalejas e a Hespanha de Romanones? Agora o atentado contra Afonso XIII, se tivésse sido coroado dêsse fulminante exito, em que modificaria tambem a situação da Hespanha? Seria uma nova regencia, isto é, uma mulher movendo-se ao impulso dos elementos conservadores e reaccionarios da sua côrte. Nenhuma transformação se operaría senão para peor. Seria ainda a obra da morte, sem outro objectivo do que o de matar. A consciencia humana, hoje, não o admite. Em principio repugna-lhe sempre a morte. Contudo, não póde eximir-se a reconhecer que é ainda uma fatalidade dos nossos tempos o recurso á morte. Ainda hoje póde ser forçoso exterminar homens, como até exterminar um exercito, em que palpitam legiões de corações humanos. Mas a morte pela morte—éssa já não a admite, proscreve-a, considera-a selvagem e inutil, e só póde manifestar por éla repulsão e desgosto.»

Estâmos de acordo. E porque o sentir de Mayer Garção é, nêste momento, o nosso sentir, aí deixâmos as suas palavras claras, rutilantes e tão cheias de verdade que ninguem as poderá refutar pelo cunho de justiça que élas traduzem.

Relances

Divergindo

O sr. Cunha e Costa (Rui), defendendo no recente Congresso do Partido Republicano Português um congressista que, antes da proclamação da Republica, teve para as diversas modalidades da monarquia e seus aulicos exquisitas laméchices e para os republicanos os mais tôrpes vitupérios, disse:

> A sua situação de hoje (a do congressista) é a de todos os monarquicos que aderiram á Republica após o 5 de Outubro.

Temos de convir que, na sua constante preocupação de ser hiper-amavel, o sr. Cunha e Costa fez assim uma afirmação algo ofensiva do brio politico de muitos antigos monarquicos.

Efectivamente e felizmente muitos ha que logo aderiram á Republica sem as tremendas responsabilidades dum passado irritante feito de retalhadas convicções e de rudes ataques aos homens que defendiam e propagandeavam a Republica; e a dentro déla, hoje, a estes pertence, conseguintemente, uma situação bem diversa da do congressista em questão.

Demais, não é dificil apreender que a convalescença dum pneumónico é, em regra, muito mais demorada e melindrosa que a de quem sofreu um ligeiro ataque gripal...

A batota do "Foz,,

Numa déstas ultimas noites foi assaltada uma casa chique de Lisboa—o Palacio Foz—em que de ha muito se jogava a batota... fina.

Os assaltantes eram da policia preventiva e iam munidos, ao que se apurou, de autorisação por escrito de quem para tanto tem competencia.

O assalto produziu os seus efeitos prendendo-se os jogadores em flagrante delito, apreendendo-se o dinheiro, etc., e lavrando-se de tudo o respectivo auto.

Até aqui o caso é banalissimo, duma vulgaridade que não preocupa um momento a atenção de qualquer mortal.

Mas quando o encarregado da escabrosa diligencia vinha a saír da tal casa chique, trazendo consigo o dinheiro apreendido, a historia tomou então um aspecto rocambolesco que surpreendeu o pobre policia. Alguem o agarrou, o tozou, lhe rasgou o fato e... lhe surripiou o dinheiro apreendido que era, por lei, consignado ao Estado e ao apreensôr!

E depois disto tudo?

Protéstos contra o ataque ao agente da autoridade? Não.

Os jogadores, apanhados em flagrante, berraram contra o assalto e contra a apreensão, e no Parlamento e na imprensa houve vozes que protestaram contra a apreensão e contra o assalto.

Berraram uns fazendo o seu jogo batoteiro, protestáram outros fazendo o seu jogo politico.

Afinal, todos jogaram e todos... perderam.

A batota da oposição

A ser cérto o que se lê pelos jornais, de ha tempos que se vem fazendo ao govêrno, na pessoa do misnistro do Interior, uma oposição desalmada posto que flagrantemente falha de fundamento sério.

O Zé da Russa deu uma facada no Chico das Gaivotas? Interpéla-se o ministro do Interior e ha retumbantes adjetivos oposicionistas.

O regedor da freguezia X, num oficio ao respectivo paroco, mostrou conhecer melhor o cabo do alvião que os rudimentos da gramática? Interpéla-se o ministro do Interior e na oposição ha mirabolantes talentos que atingem as culminanças rosalinicas.

Uma autoridade escorregou? dois cidadãos socaram-se? duas mulheres engalfinharam-se? um garoto furtou um pão? Interpéla-se o ministro do Interior e cáe o Carmo e cáe a Trindade e faz-se um charivarí infernal!

E o ministro, evangelicamente paciente, a tudo dá trôco, a tudo responde, tudo explica, ao mesmo tempo que vai pensando em coisas sérias para que o seu temperamento o arrasta e as necessidades do país e da Republica o reclamam.

Mas não parará por aqui: O Pápa de Rôma tem estado grávemente doente. Pois dentro em breve, quando houver falta de assunto, o *Dia* virá insinuar que a doença de sua santidade foi provocada pelo cumprimento da Lei da Separação em Portugal; e logo o ministro será interpelado por, em obediencia á lei, ter ordenado —até causa calafrios!—a secularisação das capélas dos cemitérios...

A batota da senhora duquêsa

A senhora duquêsa de Bedford foi recentemente nossa hospeda.

Tirou-se dos seus cuidados, deixou por uns dias o seu nevoento país, e veiu por aí fóra até este jardim á beira mar plantada trazida pelo desejo de visitar os nossos presos politicos.

Tudo se mostrou á ilustre inglêsa e tudo a ilustre dama viu e apreciou tendo, após, palavras elogiosas para as prisões, para as autoridades que as dirigiam, para o estado em que tudo se encontrava, etc.

Volveu a nobre dama ao seu nevoento país e... Mafôma não disse do toicinho a décima-milionéssima parte do que s. ex.ª disse e está disposta a dizer de nós que a recebêmos e a ciceronámos com a fidalga galhardia digna dum país amigo e velho aliado!

A batota do sr. Fortunato

Muitos operarios tomaram a sério um tal Fortunato Maria Monteiro de Figueiredo que sob a designação de Mario Monteiro se apresentava ao seu público como republicano antigo, como socialista antigo, como anarquista antigo pronto a defender o proletariádo...

Até tinha sido da Rotunda, dizia!

E uns injénuos acreditavam-no! E compravam-lhe a *Alvorada* que o bom-senso suprimiu!

Mas como um mal não vem só, após a suspensão da lamparína o sr. Fortunato foi pronunciado por fraude e, após a pronuncia, encontrou-se no Palacio das Necessidades um livro—*Perfumes e Rendas*—que ali deu entrada em 11 de Julho de 1910 e onde se lê a seguinte dedicatória:

A sua magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II, como preito de merecida gratidão e de respeitoso lealismo, oferece do coração o mais humilde dos seus vassalos. —**Mario Monteiro.**

E' compléto...

Clemente Morêno

NO PROXIMO NUMERO:—UM DEPOIMENTO SOBRE AS BURLAS DO MEDICO MILICIANO PEREIRA DA CRUZ.

Dr. Marques da Costa

Constando-nos que a este nosso bom amigo e prestante correligionario se fazem encapotadas acusações pelo facto de ter deposto como testemunha de defêsa no auto levantado contra o tenente medico miliciano Manuel Pereira da Cruz, procurámos antes da sua partida para Lisboa êsse digno deputado que não só nos autorisou a declarar que foi dado por testemunha sem que para isso previamente o tivéssem consultado, mas tambem a publicarmos o seu depoimento no referido auto que é pouco mais ou menos do teor seguinte:

Que tem mantido com o seu coléga Manuel Pereira da Cruz as melhores relações pessoais atenta a sua correcção e que por tal motivo o tem considerado honesto. Porém declara que tendo tido conhecimento duma campanha que lhe é movida na imprensa local, em que são apontados factos, caso êles se próvem, muito lamentará, porque obrigal-o-ão a modificar o seu juizo.

Como claramente se vê nenhuma incoerencia existe na atitude ultimamente tomada pelo dr. Marques da Costa quanto á sua fórma de proceder. Provámos, com documentos, que Pereira da Cruz é um autentico criminoso.

Marques da Costa modificou o seu juizo e em nosso auxilio correu levantando a sua voz no Parlamento a favor da Verdade e da Justiça, que êle présa acima de tudo. Agora intrigam-no e tentam emporcalhal-o com lama. Não o atingem.

Couraça-o, entre outros, aquêle dos predicados que distinguem todos os homens de bem—a nobreza de caracter.

Aniversário de "O Democrata,,

São ainda do estimavel coléga de Celorico, *O Povo de Basto*, as palavras que seguem, e que muito agradecemos, relativas ao aniversário deste jornal.

"O Democrata,,

«Passou ha dias mais um aniversário da fundação deste valente semanário aveirense, orgão do partido republicano radical.

Muito bem redigido e, sobretudo, seguindo uma orientação firme e intransigentemente patriotica e honésta, tem alcançado com justiça a estima do povo, sem embargo das campanhas infames que lhe teem movido.

Folgâmos, pois, com o seu aniversário e felicitando o seu digno director, desejâmos a maior prosperidade ao valente campeão republicano.»

O CASO PEREIRA DA CRUZ

A denuncia do crime evidenciada pelo proprio criminoso

Como não bastasse o que de sobejo vai para nove mezes temos semanal e consecutivamente demonstrado sobre a inconfundivel verdade da acusação que pésa ás costas do famigerado medico Pereira da Cruz, respeitante ao cometimento de actos criminalmente inconfessaveis que de ha muito vinha praticando, é, sem dúvida, na sua pretendida defêsa que não menos de sobejo ele nos fornece argumentos esmagadores que só acodem em reforço — extraordinaria anamolia das cousas!—de quanto aqui temos afirmado.

Á eliminação, como testemunhas, dos tres mancebos que os *inteligentes* patrônos do criminoso—drs. Barbosa de Magalhães e Marques Loureiro—fazem da lista apensa ao procésso que contra nós foi instaurádo por suposto abuso de liberdade de imprensa, justifica bem quanta razão nos assiste, tanto mais que na pretendida defêsa se diz—*que esses mancebos fôram obrigados a fazerem falsas declarações, alegando além disso*, quando interrogados no procésso de sindicancia, que teve ao leme o sr. Feijó, *que nem conheciam o dr. Pereira da Cruz!*

Porque não dão esses homens como testemunhas no procésso que se vai liquidar daqui a pouco?

Que melhor prova precisa o sr. Pereira da Cruz para esmagar os seus caluniadores? Pois não serão eles a chave seguramente indistrutivel e reveladôra de toda a urdidura désta *infamissima calunia* principiada pelos oficiais membros da junta militar inspeccionadora de Ilhavo e secundada na imprensa por nós?

Que efeito estrondoso, no tribunal, não produziria a aparição desses homens, com a convicção esmagadora de toda a verdade, limpida como a agua cristalina, de voz vibrante, gésto decidido afirmando solénemente que tinham sido forçados a fazer as falsas declarações que lhe atribuem, mas que, de resto, tudo era uma repugnante mentira, pois nem conhecem pessoalmente o medico Pereira da Cruz!!!

Ó sr. Barbosa de Magalhães! Ó sr. Marques Loureiro!—defendendo com a absoluta convicção da inocencia do seu constituinte, abandonam-se assim éstas testemunhas, as de maior valor, que por si só bastariam para fazer prova compléta a favor do seu cliente, *tão infamemente acusado, tão miseravelmente caluniado?*

Porque não aparecem esses tres homens que são, afinal, o eixo sobre que gira toda ésta amalgama de *infamias*, quando eles tudo derruiriam com uma só palavra?

Como nós, o público *não compreende* o que obriga Pereira da Cruz a arredar da sua defêsa éssas testemunhas, no acto do apuramento final, quando, em exclusivo, élas e só élas, bastariam para a liquidação compléta da verdade!

Mas o sr. Marques Loureiro e o sobrinho do acusado, Barbosa de Magalhães, sabem tão bem como nós que defendem um criminoso, autentico, compléto evidente e daí o perigo, o terrivel escolho que representaría para o miseravel protogonista que percorre ésta triste *via-sacra* do crime e da burla, se aparecessem no tribunal civil os tres explorados, as tres vitimas que só fôram prestaveis e uteis na sindicancia militar, respondendo restrita e sómente ao que lhe perguntaram, no desempenho do recado estudado, sem público e sem... advogado nosso!!!

E, como a eliminação déssas testemunhas de tão alto valor para Pereira da Cruz, não é menos extraordinario o esforço, a recusa obstinada à pretendida revisão do procésso da sindicancia militar.

Mas porquê esse pavôr?

Não é ele todo um modelo de jurisdição, onde as provas de toda a especie pululam, erguendo, como uma montanha, a *inocencia* de Pereira da Cruz?

Não o afirmou o sr. Ramada Curto, como se afinal éssa opinião fosse precisa, depois do relatorio que fechou com chave douro todo o *esforço sobrehumano* que o referido procésso acusa para a descoberta da verdade inteira?

Não estão nele consignados o decidido empenho de quantos colaboraram néssa ingrata e espinhosa taréfa para o *inteiro apuramento da verdade?*

De onde pois o receio, que chega á alucinação, quando se pede a revisão desse procésso?

O que poderia daí resultar? Cremos que sómente isto: *novo triunfo, nova consagração da verdade* sem outra consequencia mais, que mais uma vez prováda a *inocencia* do industrioso cavalheiro com os depoimentos repetidos dos tres mancebos que, *forçados a fazerem declarações falsas* —ao que os sujeitaram!— de novo atestaríam a falsidade de tudo o que anda na bôca do publico...

Não menos extraordinária é tambem a confusa argumentação com que se pretende rebater as nossas provas acusadoras derivando em exclusivo a evidente desorientação que sempre assalta e baralha quantos pretendem do

tôrto fazer direito, da mentira fazer verdade.

Emquanto com uma facilidade que chega a ser imbecil, apregoam a nossa nenhuma cotação social independente do mesmo grau de valor pessoal, os advogados Barbosa de Magalhães e Marques Loureiro, que, como já dissémos, rebocam a dupla tração o burlista Pereira da Cruz— tal é o pêso das suas culpas! —escrevem no procésso as seguintes palavras que deixâmos á consideração dos leitores: *Essa campanha não teve nenhum intuito de moralidade, tendo sido apenas uma perseguição politica e pessoal movida não só pela invéja e odio, mas tambem com o inconfundivel fim de arranjar os logares, que o autor desempenha, para amigalhotes politicos e pessoais.*

Isto lê-se e mas não se acredita!

Apontâmos as fraudes, as burlas e os crimes do medico Pereira da Cruz porque—*sem cotação social, sem nenhum valor pessoal*—pretendemos destituir Pereira da Cruz dos seus cargos publicos para que estes sejam ocupados por amigalhotes politicos e pessoais!!!

Espantoso, piramidalmente unico!

E dizem que tem talento o autor déstas palavras, que fariam córar de pêjo e de vergonha o mais insignificante bacharel que tivésse na devida conta o valor da sua carta, a dignidade do seu cargo!

Mas... tal crime tal defêsa.

Não se poderá esconder uma miseria se não com miseria maior.

E tudo isto—miseria é...

LAMENTAVEL

Ao que parece, a paz deixou de reinar ali na Praça Marquês de Pombal...

Diz-se que entre o srs. governador civil e administrador do concelho ha o quer que seja que os torna incompativeis esperando-se a todo o momento a exoneração deste, que já se acha suspenso.

Não comentâmos. Tal a impressão que em nós causou semelhante divergencia.

MAS QUE AMIGO!...

Lêmos nos jornais que o deputado *democratico*, por conveniencia, Barbosa de Magalhães, se englobou no *grupo parlamentar amigos da China* ultimamente constituido por vontade do engenheiro chinez Hain-Ju-Kia ha dias chegado a Portugal.

Bate cérto.

No genero tem êle grande competencia porque já ha muito pertencia ao *grupo para lamentar amigos de... Peniche*, leal defensor da Republica e do sr. Afonso Costa como aí vimos durante os dias do Congresso.

Se o novo *amigo da China* fizer por éla o que por cá tem feito em favor dos parentes e da moralidade do regimen—ah! rica China, rica China que é um ar que te dá!...

Centro Escolar Republicano Democratico de Angeja

Delegacía de Lisboa

Reune em assembleia geral no dia 27 pelas 13 1|2 horas prefixas para apresentação do relatorio e contas de 1912.

Péde-se a comparencia de todos os socios afim de se ultimarem tambem outros trabalhos de organisação partidária.

R. de Santo Antão, 175—2.º.

AINDA O CONGRESSO

—=(*)=—

Da realisação do Congresso nésta cidade, já aqui o dissémos, resultou sem dúvida uma grande demonstração de força e de prestigio para o Partido Republicano Português.

Dele partiram grandes e vários ensinamentos.

Pela bôca de muitos dos mais autorisados congressistas ficou consagrada em várias *moções*, proveitosa e sã doutrina.

Doutros ouviram-se amargas queixas, energicos protéstos e não menos justissimos pedidos implorando justiça, invocando a préga da intransigencia doutros tempos, pelos chefes propagandistas do regimen. Apontaram-se muitos casos de vergonhosa tolerancia, como sucéde em Torres Novas, onde o infamissimo padre Benevenuto, antigo redator do *Petardo* e das *Folhas Soltas*, esse criminoso masmarro, continua fazendo das suas contra as instituições e contra os seus adéptos.

Para este grito, como para tantos outros, ignorâmos se, como nos parece deva ser, o Directorio tomará providencias, tão urgentes como indispensaveis.

A'parte o efeito moral e politico do Congresso, propriamente dito, a honra da escolha désta cidade para a sua realisação e ainda o lucro para aqueles que dos seus negocios fruiram alguns interesses, a magna reunião deixou em Aveiro penosas impressões para os bons e dedicados republicanos locais. Para alguns dificeis responsabilidades monetárias, para todos a vergonha indelevel de que os velhos comediantes, que teem na sua desfaçatez a melhor das recomendações, aproveitassem esses dias para, tentando mostrar uma influencia e protecção que, no campo da verdade, nos recusâmos a acreditar, exibir o chefe do govêrno de fórma a colocal-o na opinião pública duma maneira deprimente, imoral e vexatória.

Referimo-nos á vergonhosa deslealdade, ao nenhum escrupulo como a gente da Vera-Cruz—os já lendários *firminos* -não contente em iludir o sr. dr. Afonso Costa, oferecendo-lhe hospedagem, procedeu, levando o seu tôrpe descaramento ao ponto de o transportar por éssas ruas no carro de Pereira da Cruz, como a querer significar aos olhos de todos a protecção, a amisade dispensada ao criminoso, acusado das mais repelentes burlas.

O efeito obtido, não foi, de facto; o que esperavam esses réles politiqueiros, esses falsos correligionarios que assim comprometiam o bom nome e a situação daquele a quem chamam chefe.

O efeito foi de revolta, foi de nôjo pela rapida compreensão geralmente sugerida com a pretensa demonstração de intimidade protetôra entre o chefe do govêrno e o coléga do *Mélro*, do *Sarrilhas*, do *Cancélas* e do *José Cuco.*

Quando se esperava distinguir dentro do carro de Pereira da Cruz a fisionomia turva do seu proprietario, defrontavamo-nos com a figura de Afonso Costa, iscarioticamente vendido por aqueles que, de animo leve, atraz apenas duma falsa, duma ficticia demonstração de especial amisade, que ninguem, contudo, aceitava como verdadeira, assim o exibiam, sujeitando-o publicamente á critica e ferindo-o em cheio no seu prestigio, no seu nome e no seu caracter. Como se alguem podésse conceber que o sr. Afonso Costa, presidente do conselho de ministros e chefe do govêrno da Republica, proteja nojentos criminosos, afamados burlistas como Pereira da Cruz!

Esteve um grupo de republicanos locais resolvido a embargar a entrada de Afonso Costa no trem. Houve, no entanto, alguem que pesou a grandêsa do escandalo e as dificuldades que tal facto trariam ao chefe do govêrno, sobre quem, intacto, se refletiría toda a triste resonancia do acontecimento e evitou que ele se désse.

Não mentimos, não alterâmos a verdade dos factos afirmando com todo o desassombro que a cidade se alheiou por completo das manifestações em que é sempre tão prodiga e entusiastica. Tal atitude foi logo manifesta após a chegada do sr. Afonso Costa e quando, no automovel, o viram rodeado por a gente que, bem vivo existe no espirito público, estava ali com a mesma sinceridade com que defendeu as irmãs da caridade, a realisação do cortejo á imaculada Conceição, em protésto contra os liberais désta terra, a mesma gente que *com toda a lealdade das suas convicções* ergueu vivas á monarquia, ao rei, ao partido progressista, ao partido regenerador, ao partido franquista, ao partido dissidente mas que, por conveniencia propria, hoje quer passar, á força, por *democratica*, não vá a Republica premiar-lhe as virtudes com alguns anos de cadeia!...

As figuras déssa gente, repelida por todas as pessoas de Aveiro, juntas do dr. Afonso Costa, eram o permanente obstaculo a que fôsse devidamente patenteado ao insigne estadista a simpatia, o afectuoso respeito que lhe tributam todos quantos bem avaliam o seu grande talento e energia.

Só uma vez tal não aconteceu. Foi quando o dr. Afonso Costa, sem esses perniciosos caudatários, *conseguiu* ir até á Gafanha, em cujo trajecto recebeu verdadeiras provas de afectuosa estima que por toda a parte se realisaram entre vivas saudações, estridentes e calorosas.

O regresso á capital do sr. dr. Afonso Costa—para que negal-o?—foi uma nova decéção ainda mais acentuada.

Lá continuavam a estar, na *gare* do caminho de ferro, os politiqueiros comediantes, levantando vivas com o mesmo descarado e cinico entusiasmo com que, mezes antes da proclamação da Republica, os vimos agarrados á carruagem do rei erguendo sonorosas saudações á monarquia e a D. Manuel, chefe supremo, representante augusto da nação.

Desfaçatez unica, incomparavel!

E' por tudo isto, que sucintamente aqui registâmos, que do Congresso ficaram, exclusivamente sob este ponto de vista, tristes impressões e mais agravado ainda o conflito existente entre os velhos republicanos historicos, que não pódem nem querem a pretensa camaradagem com aqueles que acima de tudo colocam os interesses pessoais e dos seus, ainda que tais interesses representem crimes e burlas como as que pésam sobre Pereira da Cruz, cunhado e tio dos iscariotes modernos que não podendo vender novamente Cristo, venderam vergonhosamente, como todos vimos, o chefe do govêrno, sr. dr. Afonso Costa.

Pêsames

Apresentâmol-os por esta fórma aos nossos velhos correligionarios e amigos srs. dr. Elisio de Castro, pela morte de sua estremecida esposa, de que tivémos noticia a semana finda, e Luiz Deruet, secretario da redacção do *Mundo*, que na terra donde é natural, Abrantes, acaba de perder sua avó, uma velhinha de 93 anos de edade, ali muito estimada pelas qualidades morais que déla faziam um modêlo de virtudes.

O nosso julgamento

—=(*)=—

Assinámos na terça-feira o mandado que nos cita a comparecer no dia 9 de Maio, pelas 10 horas, no tribunal da comarca, afim de respondermos ao procésso de que é autor o medico burlista Manuel Pereira da Cruz a quem o *Democrata* entretanto continuará a acusar de receber dinheiro ilicitamente, em harmonia com os documentos que possue e é do dominio público ha mais de 20 anos.

Como coincidencia, notaremos desde já que completam precisamente nêsse dia nove mezes que iniciámos a campanha de moralidade e saneamento em que vimos empenhados para honra do regimen que ha perto de tres anos se antepoz á falperra de manto e corôa, inaugurando vida nova, e ao qual todos os republicanos dévem respeito não consentindo explorações ignobeis, trapaças, *escroqueries*, que desacreditam não só quem desses expedientes faz uso, como os que as pretendem encobrir defendendo os seus autores.

Resta só saber em que condições o parto se dará...

VIDA COLONIAL

Uma conferencia do dr. Alfredo de Magalhães

No teatro désta cidade realisou na semana finda uma conferencia sobre a nossa provincia de Moçambique o sr. dr. Alfredo de Magalhães que falou durante cêrca de quatro horas perante uma numerosissima assembleia que ouviu religiosamente o ex-governador aplaudindo-o muitas vezes com entusiasmo evidentemente demonstrativo de quanto a exposição do ilustre conferente ecoava no espirito do auditorio, como sã e verdadeira doutrina.

Fez a apresentação do dr. Magalhães o nosso amigo dr. Joaquim de Melo Freitas que teve para o conferente palavras de inteira justiça que o público aplaudiu, redobrando éssa manifestação quando Alfredo de Magalhães teve a palavra.

Principiando por agradecer as referencias amaveis do seu velho amigo agradecia tambem á seleta e numerosa assistencia o favor da sua presença.

Não vinha ali, disse, para semear odios mas para fazer conhecer de todos a necessidade imperiosa de que fôssem olhadas como deviam ser as nossas possessões, especialmente a de Moçambique, que é a mais importante de todo o nosso rico e grandioso patrimonio colonial. Se, porém, continuasse o criminoso abandono a que tudo tem sido votado, ninguem poderia estranhar que outros se apossassem do que, abandonado e esquecido, só servia de obstaculo ao progresso, de estorvo ao engrandecimento, afirma.

Tinhâmos um exemplo no Transvaal. Possuidores de todos esses grandes territorios de 500 anos, eram justamente as nossas colonias as mais vergonhosamente atrazadas.

Faz confrontos entre o progresso e desenvolvimento de muitas cidades inglêsas com a cidade de Lourenço Marques, na qual não possuimos já terreno bastante para construir um edificio para estabelecer o serviço das repartições publicas indispensaveis.

As suas referencias são justificadas com indicações em grandes mapas e quadros que estão no palco, causando verdadeiro assombro no auditorio as extraordinárias citações e narrativas do orador.

Diz que a raça portuguêsa indiferente e indolente, como uma consequencia natural do seu temperamento meridional, o que representa um grande atrazo em comparação com a evolução progressiva doutros povos, não póde contudo eximir-se ás consequencias fatais da lei que rege os povos manifestando nele os seus fenomenos como aqueles que surperintendem no homem. Assim, havendo determinadas épocas precisas para a intervenção superior de factos e de homens, como sucedeu com a aparição de Cristo, temos na nossa historia as grandes convulsões no intervalo das quais decorrem seculos, mas que só se realisam quando chega o verdadeiro momento psicologico. As revoluções de 1365, 1640, 1820 e a de 1910, que não foi obra do esforço dos homens, mas resultado fatal das cousas, justificam a sua afirmativa. A Republica, por éssa razão, é indistrutivel porque foi um resultado seguro das condições politicas e progressivas da nacionalidade portuguêsa.

Os seus homens devem sómente cuidar em engrandecel-a com a aplicação de leis salutares, acabando com a monomania do emprego oficial, que só cria parasitas que por sua vez torna parasita o proprio estado que só cuida em arranjar, arrancando ao proletariado e ás pouco numerosas classes produtôras o bastante para manter a enorme legião de parasitas que sob todos os aspétos e por toda a parte aparecem, porque afinal nós sômos um país de empregados publicos...

Entende, por isso, que aos homens do regimen compéte modificar os processos do govêrno, transformando os costumes politicos e morais, combatendo os monopolios e privilégios que existem, inspirando-se nas necessidades de momento e nas aspirações futuras, reatando o fio das nossas gloriosas tradições coloniais, o padrão mais alto e elevado de toda a nossa grandêsa.

Diz que foi governar a provincia de Moçambique onde esteve 10 mezes, todos aplicados sem perda dum momento ao conhecimento e estudo das necessidades e condições de vida economica, politica e comercial da grande provincia 9 vezes maior que o terreno continental portuguêsa.

Fez uma larga viagem de 7.500 kilometros em condições dificilimas e penosas e viu, com profunda magua, a enormissima riquêsa em tudo manifestada correndo parelhas com o abandono mais completo e criminoso. Opinava por a realisação dum grande emprestimo—500, 800, 1000 contos—para equiparar Lourenço Marques, que é por todas as condições o primeiro ponto da costa oriental, a defrontar-se com as outras cidades das várias possessões inglêsas e a oferecer todas as comodidades ao viajante e ao passageiro. A cidade póde anualmente concorrer, com tendencias para aumentar—com 1:300 contos.

Durante a sua permanencia em Lourenço Marques foi pelo ministério das colonias sistematicamente contrariado emquanto que dele dimanavam para determinada imprensa as acusações e referencias as mais caluniosas e infames. Acusaram-no de tudo—até do córte dumas arvores que representou uma medida acertada Depois do seu regresso, calaram-se. Infelizmente alguma imprensa é o vasadouro repugnante onde se despejam odios e vilanias. E' um balcão onde se paga a baixêsa do contrato. Da sua administração falará e tem, como já disse, de enterrar muitos vivos e desenterrar muitos mortos.

Presta homenagem á obra de Monsinho de Albuquerque, fala do atrazo das linhas do caminho de ferro, contentando-nos em cobrar os direitos no porto e na fronteira; disserta largamente sobre a situação do indegena, referindo-se á sua emigração para o Transvaal; fala dos orçamentos e rendimentos da provincia, salientando erros e contrastes dolorosos. Diz que não é fazendo sómente politica que se trabalha para o bem do país. E' preciso aproveitar todas as energias e as qualidades excelentes do historico povo português para que este belo torrão, que se chama Portugal, possa conseguir de novo a grandêsa e a historia que já possuia no mundo.

Uma prolongadissima e retumbante salva de palmas cobriu as ultimas palavras do conferente, que no final foi abraçado com efusão por muitos amigos e correligionarios.

Relatorio

Pela *Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas* foi-nos enviado o relatorio da gerencia de 1912, que acusa um saldo de 509$145 reis, prova da bôa administração exercida ultimamente naquéla casa.

A EXCURSÃO DO PORTO

—=—

Devido á falta de espaço com que este jornal lutou na preterita semana, só hoje podemos expressar aos republicanos que no dia 6 nos visitaram, vindos da capital do norte, o quanto a cidade de Aveiro se orgulha com as provas cativantes de deferencia que tem recebido do povo portuense e que na sessão de bôas vindas, realisada no *Centro Republicano*, ficou perduravelmente assinalado pela bôca dos oradores a quem o dever compeliu de o saudar.

A excursão de agora era presidida pelo redactor do nosso coléga *A Montanha*, José Vieira, tomando parte néla além de muitos representantes de colectividades politicas com os seus distintivos, o *Centro Republicano Democratico de Campanhã*, que a promoveu e o nosso dedicado correligionario Valentim Pin- Ferreira, a quem nem o peso dos anos arrefece de entrar em todas as manifestações de caracter acentuadamente republicano.

O Democrata não podia deixar de referir, ainda que sucintamente, a passagem por Aveiro déssa meia duzia de centenas de cidadãos ordeiros que uma vez mais nos honrou com a sua visita e néssa conformidade aqui está hoje a significar-lhe o quanto foi para todos agradavel a sua nova vinda á patria de José Estevam.

No proximo numero:—Um depoimento sobre as burlas do medico miliciano Pereira da Cruz.

ESCLARECENDO

Lacónicos por força das circunstancias representada na absoluta deficiencia de espaço, não podémos no numero passado esclarecer o sentido das palavras proferidas pelo sr. dr. Afonso Costa quando da intervenção de S. Ex.ª no incidente que teria por epilogo a intimação de saída do Congresso ao célebre Firmino de Vilhena, o cinico e rancoroso insultador dos republicanos, no tempo em qne perguntava *se era com tal gente* (os republicanos do Porto) *que se pretendia mudar as instituições do país, implantando a Republica!*

Quando o sr. Barbosa de Magalhães previu que o momento se aproximava e que nada evitaría o mandado de despejo imposto pela assembleia ao seu difamador doutras eras, sem coragem para secundar o jornalista tribunicio Rui da Cunha e Costa e com fundados receios de que a assembleia mais longe levasse a demonstração de *simpatía* de que este cidadão fôra alvo, com tais olhos fitou, para o que até mudou de logar, o sr. dr. Afonso Costa, que logo s. ex.ª reconheceu a necessidade de intervir evitando assim a consumação dum acto que era, indubitavelmente, uma triste nota para a primeira sessão do Congresso e um dissabor para um deputado e vários amigos —parentes do alvejado—filiados todos no Partido Republicano Português.

Assim, quando o sr. dr. Afonso Costa pede á assembleia *que não agrave o incidente acatando o direito que a todos garante o respectivo bilhete de identidade*, acrescentando que *sería melhor entregar á solução do Directorio a resolução do caso que já tinha sido levado ao seio do grupo politico a que pertence e oportunamente tambem tratado no Parlamento, acatando-se com honra para todos qualquer que fôsse a decisão do mesmo Directorio sobre êsse caso*, certamente o sr. dr. Afonso Costa não se referia ao incidente naquêle momento levantado, mas sim á situação do medico Pereira da Cruz defrontado com as responsabilidades que sobre êle incidem como consequencia dos seus crimes.

O sr. dr. Afonso Costa previu, com fundadas razões, que depois do caso respeitante á presença de Firmino de Vilhena na sala do Congresso, se seguiria ser tratado o do medico Pereira da Cruz, sob o ponto de vista de imoralidade que o govêrno não póde permitir sem grave e indigna ofensa para o regimen.

Além do respeito que nos merece o sr. dr. Afonso Costa e ainda a circunstancia da nossa situação, como filhos désta terra onde S. Ex.ª era hospede, impôz-nos o dever de não manifestar a nossa discordancia completa quando S. Ex.ª classificou de *assunto local* os crimes do medico Pereira da Cruz e néssa conformidade não se poderem discutir no Congresso.

Por nós, porém, respondeu-lhe na sessão seguinte o congressista Corregedor da Fonseca, quando tratava doutro caso local, ocorrido num determinado ponto, afirmando que *com dificuldade acreditára que viésse da pessoa de Afonso Costa, figura tão proeminente como sabedora, a teoria de que as questões locais não deveriam ser ali tratadas. Pois que são éssas localidades senão pedaços duma nacionalidade, retalhos da vida nacional?*

Teve muitissima razão Corregedor da Fonseca e tanto a teve que o sr. Afonso Costa não se sen-

tiu com forças de sustentar a absurda e errada teoría.

A moralidade, a justiça, a verdade, não estão só nos ministerios, nas secretarias de Estado, nas bancadas do Parlamento.

Essas virtudes estão onde está o regimen: quer representado na mais infima Junta de Paroquia, quer nas modestas funções do mais humilde funcionario.

O ministro que prevarica e o infimo amanuense duma repartição qualquer que pratica identico crime, são ambos iguais criminosos á luz fria da justiça.

Pois o Congresso não será a grande reunião dum conselho de familia onde os seus membros vem dizer das suas queixas?

Estabelecendo como bôa a peregrina teoria do sr. Afonso Costa, o Congresso foi por S Ex.ª erradamente orientado porque aceitou, ouviu e atendeu a exposição de principios todos com caracter local; que vários congressistas apresentaram e discutiram, aceitando a meza as suas moções, parte das quais logo fôram estudadas, recebendo *pareceres*, e ainda outras que ficaram para ulterior apreço do novo Directorio.

Manda, contudo, a verdade que digâmos, que o imprevisto do caso que obrigou o sr. Afonso Costa a intervir tão inesperadamente no debate, forçou o ilustre homem publico a referir como justa a doutrina que—*questões locais não deverão ser tratadas nos congressos*—como unica razão a evitar que as façanhas de Pereira da Cruz fôssem ali referidas com todas as minudencias que são o melhor apanágio do seu autor.

Fez S. Ex.ª bem, fez S. Ex.ª mal?

Foi politica, foi impolitica a atitude do sr. Afonso Costa?

Nêste momento responda a consciencia de S. Ex.ª que para o futuro outra voz lhe responderá, evidenciando ao actual chefe do govêrno as cousas tais quais élas são.

A assembleia considerando devidamente numa evidentissima demonstração apenas de cordura e de bons principios pelos desejos manifestados pelo sr. Afonso Costa, deixou que o autor das diatribes publicadas no *Camaleão* ficasse na sala porque, como quasi sempre sucede, atendeu a quem fazia o pedido e não ás qualidades daquêle por quem lhe pediam.

NOTAS DA CARTEIRA

Com destino a Lourenço Marques embarcou ha dias em Lisboa o nosso amigo Manuel Mano que na provincia de Moçambique vai desempenhar o logar de telegrafista para que fôra nomeado. E' um rapaz que deixou saudades principalmente entre os seus patricios da visinha vila de Ilhavo que tinham por êle verdadeira estima e simpatia.

Feliz viagem e as maiores felicidades é o que lhe desejâmos.

=Esteve em Aveiro o sr. José Rodrigues Onofre, de Fermelã, a quem agradecemos a sua visita.

=Tambem cá vimos os nossos amigos Antonio Maria Duarte, empregado dos correios em Coimbra; Amandio Ribeiro da Rocha, do Bomsucésso; Manuel de Mélo, da Palhaça e dr. Samuel Maia, de Ilhavo.

=Em Parnahyba (E. U. do Brazil) onde atualmente se encontra com seu marido, o nosso amigo João de Oliveira Junior, deu á luz no dia 22 de Março um menino, a sr.ª D. Matilde Teixeira de Oliveira.

Com os nossos parabens a seus bons paes vai o desejo de que a vida decorra risonha ao pequenino Eumenes, nome com que o recemnascido ficou registado.

A defêsa

Devidamente impressa, estava para saír num dias do Congresso um manifésto contendo aquilo a que o medico Pereira da Cruz chama a sua defêsa, mas que não teve coragem de deitar cá para fóra devido ao rebate de consciencia manifestado num dos seus mais lucidos momentos.

Pois foi pena. Porque a ésta hora já lhe teriâmos respondido com factos que valem mais do que quantas habilidades se engendrem para o salvar da deprimente situação em que se encontra.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

SANEANDO

Ou refuta ou confessa

A discussão, quer seja travada no jornalismo, quer levantada nos tablados dos comicios ou nos congressos, quer analisada nas academias, quer enfim palrada nas palestras de café, tem sempre o mesmo caminho a trilhar. Os argumentos refutam-se com argumentos; as provas anulam-se com provas.

Só assim é que os processos dos adversários se destroem. Pisando um caminho contrário, o contendor que tenha a fôrça da lógica e do facto ao seu lado, tem por obrigação chamar ao dever da dignidade o adversário, ou, quando este não o queira atender, lançal-o ao desprêso, entregando a solução da contenda ao tribunal da consciencia imparcial e educada daqueles que, de pérto e ambiciosos de justiça, teem acompanhado o embate dos argumentos.

O adversário que sente o seu enfraquecimento e que ouve o apelo á sua dignidade e continúa a esgrimir com subterfugios, esforçando-se por dar vida aos seus argumentos já em decomposição cadavérica, deixa de ter as honras de argumentador e é enclausurado por esse tribunal no nojento compartimento da teimosia, que apenas poderá merecer a graça da ignorancia ou da imbecilidade.

Nem sempre a dedução dos argumentos se faz com o polimento de luva branca, nem sempre estes se chocam em camaradagem familiar; muitas vezes as exaltações predominam e a asperêsa da frase magôa a fidalguia da associalidade. São as fraquêsas do temperamento individual eletrisado pelo amôr duma ideia, que martéla o velho solar escravisante dum povo sofrego de liberdade. Mas o que deve sempre existir, pairando bem alto, é a verdade tanto objectiva como subjectiva.

Dizer falsidades, dilacerar, entre as mandibulas postiças dum *magister dexit*, afirmações feitas, enveredar pela propriedade alheia, sem o consentimento prévio, na dôce esperança de aumentar as suas fileiras e abocanhar, sem fundamento, o caracter do seu adversário é um meio que deve sujar quem se préza de ser educado, é uma prova indestrutivel de ignorancia e de aborrecimento ao trabalho educativo e social. E quando semelhantes adversários se nos deparam, é dever entrega-los, a bem da humanidade que tenta avançar, sob o gume da espada de Payot, em cuja lamina a veracidade dos factos quotidianos escreveu, com a sua implacavel justiça a condenação desses atrevidos: *O ignorante preguiçoso, cuja alma de inveja é feita, discute unicamente para difamar.*

Estes adversários, que fógem aterrorisados perante a luz da verdade, inervam-se no negro beijo da infamia para, corajosos, esperarem o seu combatente na encruzilhada da intriga e lhe cravárem o dordo do seu odio de caluniadores. São adversários que, em vez de travarem luta peito a peito e, ao findar o ultimo embate, merecerem a honra dum aperto de mão, se repélem, são fadistas que, num cotovelo duma afimação gratuita, estudam o golpe para derrubar o seu contendor que, sem arrepios de consciencia, tranquilo, marcha para a conclusão final, que a lógica, com a sua encantadôra paisagem, aponta.

E o jornalismo que, nas suas colunas, em polémica, não escuta a voz de Payot, não tem a razão da sua existencia; falseia a sua missão social, conspurcando em vez de limpar, confundindo em vez de aclarar, desorientando em vez de educar. E neste caso, o *jornal* deixa de ser *o pão do pobre*, para ser o cadafalso da sua emancipação; deixa ser a escola para ser o esconderijo do salteador.

* * *

E' pensando assim e vivificado por estes rudimentares principios da lógica que me vólto para o sr. Nunes da Silva, exigindo-lhe que, no proximo numero do seu jornal, prove que sou um despeitado e um reaccionario; que demonstre que menti e caluniei; e que refute os meus argumentos e desfaça as minhas provas.

Se este dever não cumprir, confesse-se vencido; aliás não merece esse aperto de mão a que ha pouco me referi, e sujeita-se ás consequencias causticantes da verdade.

* * *

Não deveria avançar sem que primeiramente os meus argumentos fôssem destruidos, sem que as sêcas afirmações fôssem provadas; mas, para mostrar a minha lisura e lealdade de adversário, vou responder-lhe a uma pergunta que me faz pela primeira vez, e fazer-lhe uma declaração categórica sobre os seus—*Provando*.

Deseja saber aonde é que s. ex.ª fez a nomeação de autoridades administrativas?

Escusado era vir avivar-lhe factos em demasia conhecidos por si, pois foi o seu autor; mas, logo que a sua memoria lhe é tão infiel, mais parecendo não estar presente aos elaborados do seu cerebro em divagação de orador parlamentar ou politico, eu declaro-lhe, apresentando testemunhas auditivas se necessário fôr, que foi numa reunião politica a que s. ex.ª assistiu na freguezia de Osséla pelas vinte e duas ou vinte e tres horas.

Emquanto aos—*Provando*—do seu jornal, éssas transcrições mostram que eu, identificando-me com os principios do Partido Republicano Português expandidos por todos os meios nesse tempo em que s. ex.ª era um soldado da *Corôa*, não olhei nesse combate, os homens no seu desempenho familiar ou particular, mas na sua posição social republicana. Esses *Provando*—provam o que eu já aqui havia escrito.

E a declaração, que eu desejo fazer sobre este assunto é bem simples e bem resumida:—*Não respondo a esses artigos locais, sem que primeiro veja escrito a autorisação que tem desses cidadãos discutidos, para os representar e defender.*

Só então posso terçar armas nesse sentido, tomando, com sempre, a responsabilidade do que digo e escrevo.

E para terminar digo-lhe, sr. Nunes da Silva, que o espero no primeiro numero a saír do seu jornal a cumprir com o seu dever, o que o mesmo é que vêr satisfeita a minha exigencia ou intimação.

O. de Azemeis, 15 | 4 | 913.

O medico, **Lopes de Oliveira**

ELES...

Sabe-se que depois do triunfo moral, na verdade edificante e profundamente estrondoso que conseguiu o cidadão, assás ilustre, Firmino de Vilhena, no celébre julgamento de fevereiro findo, houve na casa dêste opiparo banquete a que, além dos advogados visiveis e invisiveis, dizia-se ter assistido parte da redacção da *Liberdade*.

Custou-nos a acreditar éssa atoárda quando de mais a mais se punha na bôca do não menos ilustre representante daquêle jornal, discursos-brindes que, ápárte a eloquencia do conceito e brilhantismo de estilo, que chegou a surpreender o sr. Marques Loureiro, houve afirmativas de eterno pacto e amistosa defêsa—para a vida e para a morte—entre o orador e o anfitrião da festa, que tinha recebido, horas antes, no tribunal, na presença de centenas de pessoas, a maior *consagração* a que qualquer mortal póde aspirar...

No fim de contas temos de aceitar os factos consumados, e, disso ficâmos convencidos.

Quando na primeira sessão do Congresso, o *jornalista* Firmino de Vilhena, como premio á fidelidade das suas convicções esteve na eminencia de ser posto no olho da rua, acode o redactor da *Liberdade* em defêsa do *correligionario* e após a primeira tentativa, que a assembleia frustrou, conseguiu dizer que *não vinha ali em defêsa de ninguem* (isso percebemos logo) *mas que tinha direito como antigo republicano e propagandista a que lhe prestassem a devida atenção, por quanto era êle redactor do unico jornal democratico que existia na cidade!*

Nós não eramos republicanos, ao passo que *o sr. Firmino de Vilhena abandonára velhos compromissos politicos e se alistára, sem a mais leve fraqueza, na defêsa do regimen.*

Na parte relativa á nossa humilde pessoa, concordâmos. *Que não sômos republicanos* é do conhecimento de todos e sobre éssa afirmativa que tanto nobilitára o *grande tribuno* não ha duas opiniões.

Mas por isso mesmo não podemos deixar sem reparo, de mistura com o nosso mais veemente protesto, que não tivésse sido passado igual diploma de *democratico* ao *Campeão das Provincias*, que navega, qual irmão gemeo, nas aguas da *Liberdade*.

Se êste jornal apareceu democratico já nêsse campo encontrou o *Campeão*, que é sem duvida e em tais circunstancias o paladino mais antigo, mais *pronto*, mais *diligente* e mais *verdadeiro*.

Protestâmos, não contra a afirmativa de que não sômos republicanos, porque isso é do dominio publico mórmente desde que aqui vimos apontando as burlas do medico Pereira da Cruz, mas em atenção á justiça, visto, cada vez, no dizer dos democraticos *pur sang*, se acentuar mais a falta do nosso republicanismo.

Póde lá ser!... Não considerar democratico o *Campeão*, antigo e especial cinéma da imprensa, no *écran* do qual sempre se refletiu, com a maior precisão, todas as fitas politicas desde a monarquia até hoje?! Isso não. Não é com o nosso silencio que passa em julgado éssa afronta, tão grande ingratidão, que o estomago do fogoso orador devia recordar...

Emfim, lá diz o ditado: *comeu-lhe a isca*...

No proximo numero:—Um depoimento sobre as burlas do medico miliciano Pereira da Cruz.

JOGO DE VOTOS?

Informam-nos de que um professor de instrução primaria e padre muito conhecido num dos concelhos do districto de Aveiro, fôra agora reintegrado na cadeira de que estava demitido desde os ultimos tempos da monarquia por grâves faltas cometidas no desempenho das suas funções, afim de se poder aposentar e receber do Estado os respectivos cobres.

A ser verdadeiro o que ácêrca dêste assunto ouvimos é caso para desde já comprar um apito e apitar, apitar, até que alguem apareça que ponha côbro ao *jogo* descarado que por aí se faz para captar votos, sem atenção alguma pela crise monetária que atravessâmos.

Começam cêdo...

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A carta... adorada

Será dár muita importancia ao tipo, que nem tanta vale, mas tem de ser. Uma vez, sem exemplo.

Firmino de Vilhena, tambem conhecido pelo *Bichêsa*, estava em brazas para que aparecesse no *Mundo* uma carta por êle escrita a proposito do incidente que com a sua pessoa ocorreu na primeira sessão do Congresso. Ha creaturas que se julgam felizes e salvas de qualquer agrura proveniente de situações deprimentes e difíceis, quando satisfazem a sua vontade, alterando a seu modo a verdade rigorosa dos factos.

Assim Firmino de Vilhena, ou o *Bichêsa*, apezar de identificado com o desempenho dos mais tristes papeis, não lhe causando a mais leve móssa as considerações pezadas a respeito do seu caracter e pessoa, como aquélas que a 22 de fevereiro lhe fôram ditas de cara, no tribunal désta cidade, imaginou, no seu velho e louvavel costume, que dizendo na carta—a seu gosto—o que lhe parecesse, ficaria tudo sanado, e, cá fóra, para os que não tivéram a dita de serem testemunhas déssa estrondosa desautorisação, a mais vergonhosa que um homem póde receber—ficaria subsistindo a duvida, havendo assim quem acreditasse e quem duvidasse.

A carta do *Bichêsa* é toda uma revoltante mentira e... o *Mundo*, bem insuspeito na questão, magoado com o modo (é velho habito) como Firmino de Vilhena a êle se dirige pela demora na inserção, confirma o que acima dizemos e que alguem poderia tomar á conta de paixão nossa.

A carta de Firmino de Vilhena é uma grosseira mentira e implica nem mais nem menos, com tudo quanto se sabe que sucedeu no Congresso, incluindo a estrondosa pateada de que foi alvo o *presado colêga* Rui da Cunha e Costa ao balbuciar as primeiras palavras da *exposição* com que pretendia defender quem nenhuma defêsa tem e é justissimamente desprezado por todos os republicanos de caracter e sentimentos.

Como porém o *Mundo*, pelas razões que abaixo reproduzimos, não deu á estampa com a pressa desejada pelo seu autor, o *precioso documento*, o sr. Firmino de Vilhena, ainda com novas mentiras, apela para o *Seculo* e dentro dos seus *velhos habitos*, refére-se grosseira e indelicadamente á redação do diário lisbonense a quem atribue o proposito de lhe não publicar a referida carta.

A tal respeito o *Mundo* diz assim:

«Em termos absolutamente incorretos, o sr. Firmino de Vilhena foi queixar-se ao *Seculo* de ter entregue ao nosso querido coléga Luís Deruet, para publicar no *Mundo*, a seguinte carta que todavia aqui não foi publicada.

Sr. redactor do Mundo. — *No extracto da sessão do Congresso republicano celebrado ante-ontem nésta cidade, alude v. ex.ª ao facto de haver sido apresentada uma proposta para a saida da sala do director do* Campeão das Provincias, *signatario désta, proposta que o* Mundo *transcreveu. Eu não estava ali nêssa altura, e só do facto tive conhecimento quando, após a serena e cavalheirosa exposição do nosso presado coléga da* Liberdade, *Rui da Cunha e Costa, sobre o assunto, o ilustre chefe do partido sr. dr. Afonso Costa condenou com energia que para ali se trouxessem mesquinhas e irritantes questões pessoais. Como v. ex.ª teve ocasião de vêr a assembleia prerompeu em estrepitosos aplausos ao orador, e a moção nem sequer foi admitida.*

Rogando a v. ex.ª o favôr da inserção déstas linhas no seu muito lido jornal, muito agradece a deferencia, o de v. ex.ª coléga mt.º obgd.º Firmino de Vilhena, director do Campeão das Provincias.

O sr. Firmino de Vilhena devia saber, porque todos os jornais o disséram, que o nosso camarada Luís Deronet saiu precipitadamente do Congresso por morte de proxima pessoa de familia e que assim não teve tempo nem disposição para pensar na carta. Mas, se o sr. Vilhena o não sabia, procurava saber do *Mundo*, directa ou indirectamente, as razões da não publicidade e não devia ir queixar-se para outro jornal sem se informar. As suas acusações são tanto mais estranhas quanto é certo que o *Mundo* manteve na questão a mais absoluta neutralidade, **não dando vulto ás clamorosas manifestações de que foi alvo o nome do sr. Vilhena. Quanto á proposta éla não foi admitida nem regeitada.** Como tantas outras éla não chegou a ser posta á admissão. E por aqui nos quedâmos em materia de informações, lamentando que o sr. Vilhena tivésse sido deficientemente informado sobre o qae se passou no Congresso a seu respeito. Se o não tivésse sido não nos acusava de parcialidade contra êle.»

Póde o *Mundo* estar certo, absolutamente certo, que o sr. Firmino de Vilhena não foi deficientemente informado do que se passou no Congresso a seu respeito. O que êle diz é mais uma prova dos seus *velhos habitos*. Do que se passou conhecia êle de sobejo, mas fiel ao seu feitio, adulterou a verdade das cousas e ficou muito satisfeito porque tudo arranjou a seu modo.

Em reforço da verdade que dizemos está o *Mundo*, desmintindo nos pontos principais a ousadia imbecil de Firmino de Vilhena que viu aplausos e palmas—**no que eram apenas clamorosas manifestações de que foi alvo o seu nome.**

Como remate, é bom que venha agora tambem uma carta do sr. Barbosa de Magalhães declarando *pessoas sem cotação social* quantas compõem a redacção do *Mundo*... que assim se dirige e trata, ainda que no restabelecimento da verdade, um dos membros da sagrada familia, em honra de quem o *Bébes* diz missa com galhêtas... reforçadas...

Pela imprensa

Anuncia-se para bréve a aparição, em Lisboa, dum novo diário da tarde dirigido pelo ex-governador de Moçambique, dr. Alfredo de Magalhães.

Intitular-se-á a *Tribuna*.

— Na Covilhã apereceu o 1.º numero de *A Justiça*, orgão do Partido Republicano Português.

Cumprimentamol-o.

7 VOTOS

Tantos quantos os pecados mortais fôram aqueles que obteve para membro do Directorio republicano no Congresso de Aveiro o sr. Vitorino Godinho, cunhado do *grande influente politico* Barbosa de Magalhães numa lista que este, a fingir de importante, tambem apresentou á votação.

Caracoles! A falta que fez a *potencia* de Veiros...

Espectaculo

De passagem por Aveiro, Mr. Leo Stanley exibirá hoje, pelas 20 horas, no *Café Gloria*, sito á rua do Cáes, alguns numeros de variações fantasticas e ilusionistas em que é eximio.

Despedida

Tendo sido transferido para a 1.ª Circunscrição Eletrica em Lisboa e na impossibilidade de, pessoalmente, me despedir das pessoas com quem travei conhecimento nésta cidade, faço-o por este meio agradecendo as inumeras atenções recebidas.

O 2.º oficial dos correios e telegrafos

José de Ataide

Agradecimento

Profundamente gratos, vimos hoje agradecer a todas as pessoas que se dignaram interessar-se pelo inditoso padre Bruno Teles, já visitando-o durante a sua cruciante doença, já acompanhando-o á ultima morada no dia do seu funeral.

Aqui patenteâmos a expressão inalteravelmente grata das nossas almas ao medico assistente ex.mo sr. dr. Lourenço Simões Peixinho, pelo carinho assiduo, prontidão,

inteligencia e generosidade com que tratou o paciente.

Bem assim nos cabe agradecer ao ex.mo sr. dr. José Maria Soares, medico, que tomou parte numa conferencia feita ao doente, a generosidade do seu procedimento para comnôsco.

Se por acaso não agradecêmos ainda a qualquer pessoa os seus prestimosos favores ou condolencias aqui pedimos desculpa dêssa involuntaria falta, asseverando a todos a expressão sincéra do nosso reconhecimento.

Aveiro, 15 de Abril de 1913.

Maria Clementina de Vasconcélos Abreu
Maria Gabriéla de Abreu Teles
Eurico Maria de Abreu Teles

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

ABRIL

DIAS	PHARMACIAS
20	RIBEIRO
27	ALLA

NO PROXIMO NUMERO:—UM DEPOIMENTO SÔBRE AS BURLAS DO MEDICO MILICIANO PEREIRA DA CRUZ.

NUTRICIA DE LISBOA

Produtos désta casa á venda em Aveiro: extrato de malte em pó, chocolate com aveia, marca *cavalo branco*, café de cevada, farinhas de Nestle, Alpina, Bledine, aveia, cevada e arroz. Massas alimenticias para regimen, etc., etc., tudo pelos preços de Lisboa.

Alberto João Rosa
33-A—Rua Direita—AVEIRO.

Serviço de administração

Mandámos á cobrança pelo correio, uns, e por intermédio de obsequiosos amigos nossos, outros, os recibos de "O Democrata" vencidos ou prestes a vencerem-se, do que damos conta aos nossos presados assinantes rogando-lhes a finêsa do seu bom acolhimento afim de nos evitarem novas despêsas e podermos trazer em dia a escrituração do jornal.

***

No **Congo Bélga, Pará** e **Manáus** estão respectivamente encarregados de receber as assinaturas que lá possuimos, os srs. **Henrique Madail, J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior,** devendo os assinantes das outras partes do ultramar, onde ainda não temos pessoa idonea que nos represente, mandar as importancias directamente a esta redacção, o que desde já muito agradecêmos.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 29 de Março

Era aqui anciosamente esperada a decisão do tribunal de Aveiro no procésso injustamente tentado pelo *Campeão das Provincias* contra o redactor de *O Democrata* que tão nobremente sabe pedir justiça contra aquêles que prevaricam e comprometem o regimen republicanó, julgando-se ainda no tempo da nefasta monarquia dos Braganças.

Por nós e por parte de grande numero de amigos, não deixaremos de protestar, ainda que de longe, contra o silencio que se procura fazer no caso Pereira da Cruz e ao mesmo tempo louvar a atitude do sr. Arnaldo Ribeiro pela brilhante campanha que está fazendo em prol do saneamento moral da cidade de Aveiro.

=O sr. Manuel Fernandes Rendeiro, natural da Murtoza, mas brazileiro naturalizado, entendeu, na sua qualidade de *talassa*, dever mandar içar, na quinta-feira santa e domingo de pascoa, no tôpo do mastro duma canôa fundeada no Ver-o-pezo, a bandeira azul e branca da extinta monarquia portuguêsa, facto este que os republicanos levaram ao conhecimento do nosso consul o qual pediu providencias á policia que por seu turno mandou arriar a dita bandeira, isto no primeiro dia, porquanto no segundo, tornou a mesma bandeira ser içada, mas já sem a corôa, o que provocou nova indignação.

=Na Parnahyba lavra certo descontentamento no seio da colonia portuguêsa por o govêrno querer manter ali como consul um cidadão que, além de ser brazileiro, está decrepito, depois de haverem cidadãos portuguêses dignos de ocuparem aquêle cargo a contento de todos os nossos patricios ali residentes.

O sr. ministro do exterior precisa dar providencias, visto este facto ser considerado uma afronta e ao mesmo tempo uma injustiça á colonia portuguêsa.

=Devido á grande crise que o Pará ainda atravessa, tem falido diversas casas comerciaes, continuando tambem a falta de empregos e de trabalho para quem precisa angariar o seu sustento.

=E' ámanhã que os republicanos portuguêses irão á sessão da Assembleia Geral que se realiza na séde da *Beneficente Portuguêsa* pedir providencias sobre um facto melindroso que ali se deu ha pouco, praticado pela superiora das irmãs da caridade, que infelizmente ainda ali se conservam.

E' manifesto o odio que as ordens religiosas nutrem contra a Republica Portuguêsa e por isso mesmo continuaremos protestando contra a permanencia déssas hipocritas como enfermeiras dum hospital que tem por dever, visto ser instituição portuguêsa, banir éssa gente quanto antes, afim de evitar cênas desagradaveis.

Não sabemos porque motivo a Diretoria da *Beneficente Portuguêsa* ainda ali conservà éssas *roupetas*.

Não saberá ainda a Diretoria que as ordens religiosas fôram banidas de Portugal?

Por acaso a Diretoria terá receio de as expulsar e substituir pelo elemento civil? Para que está pagando a Diretoria a um padre 200$000 reis mensaes?

Se houvésse ali um pouco de mais economia néstas cousas...

=Chegaram aqui no dia 20 do corrente alguns amigos nossos entre estes, os srs. Manuel Rodrigues Neto e seu irmão José; Manuel de Matos e outros cujos nomes não nos ocorrem.

=A intendencia, (Câmara) obrigou os padeiros a matricularem-se e a trazerem no balaio uma placa com o nome da padaria a que pertencem.

O prazo para a matricula termina no dia 15 de Abril proximo.

=Em Belo Horizonte foi ha pouco inaugurado no tribunal de Apelação, uma téla com a imagem de Cristo, sem ser o de Aveiro.

Até onde chega o fanatismo!

=A *Liga Portuguêsa de Repatriação*, repatriou de Janeiro até hoje nada menos de 41 infelizes que para aqui viéram com o sentido de angariar fortuna.

=O preço da borracha está entre 3$500 e 4$000 o kilo, e o cambio tem regulado a 300.

C.

Alquerubim, 10

Apareceram cortadas em frente da escola désta freguezia, tres arvores das que fôram plantadas pelas crianças no dia da festa da Arvore. O professor oficiou ao sr. administrador do concelho para vêr se é possivel descobrir o selvagem que as cortou.

=Em S. Martinho do Campo (Valongo) foi descoberto um malandro que cortou cinco arvores sendo-lhe arbitrada no tribunal fiança de dois contos de reis.

C.

Áradas, 15

Foram aprovados já os estatutos e eleitos os corpos gerentes do *Centro Republicano de Educação e Recreio do Outeirinho* para o corrente ano, que ficaram assim organisados:

Assembleia geral

Presidente, Antonio da Rocha Martins; *secretarios*, Amandio Ribeiro da Rocha e José Vidal.

Direcção

Efectivos: Joaquim Dias Batista, presidente; Amadeu Catarino, vice-presidente; Abilio Souto, 1.º secretario; Duarte S. Morgado, 2.º secretario e João Sarrico, tesoureiro.

Substitutos: Manuel Simões de Pinho Junior, João da Naia Sardo, Duarte Tavares Lebre, Antonio da Rosa Martins e Manuel Maia do Miguel.

A direcção, formada toda de rapazes novos e cheios de bôa vontade em fomentar o progresso da freguezia, vai organisar desde já uma *kermesse* para o que conta valiosas prendas esperando ainda proporcionar dentro em breve aos socios e suas familias uma interessante festa.

C.

Cacia, 13

Festejos do S. Simão

Havendo quem ponha reparo no facto da festa do S. Simão ser transferida para o primeiro domingo de Setembro vem a pelo explicar o motivo que levou a Comissão dos festejos a fazer esta alteração.

Ninguem ignora que os dias em Outubro são pequenos e os da segunda quinzena quasi sempre chuvosos. Por este facto a festa do S. Simão é quasi sempre prejudicada no seu brilho, sobretudo pelo mau tempo. Tendo em consideração estas razões a Comissão, no intuito de obviar a tão grandes inconvenientes, entendeu, e muito bem, transferir a festa para o primeiro domingo de Setembro de dias maiores e tempo seguro. Acresce ainda que nêste mez existem na freguezia veraneando ou de visita temporaria a suas familias muitos patricios nossos que tem as suas ocupações fóra da terra natal.

Não ha, pois, como se vê, melhor oportunidade para a realisação da festa. Alguem objectou com o inconveniente déla coincidir com a romaria do S. Paio, convencido de que esta a prejudicará.

Duvidâmos, tanto mais que a romaria do S. Paio está em decadencia, não revestindo já o brilho e imponencia doutros tempos, e não atraindo por tal motivo já muita gente da ex-freguezia.

No entanto isto é um assunto a ponderar pela Comissão dos festejos, pois estou convencido que se éla reconhecer alguns inconvenientes nenhuma duvida terá em transferir a festa do S. Simão para o segundo domingo de Setembro. Como isto não é sangria desatada todos os nossos conterraneos pódem apresentar o seu alvitre ou parecer, nas colunas dêste jornal que nenhuma duvida terá em abrir um plebiscito sobre o assunto.

=Com destino a Campinas (Brazil) seguiu ha dias da sua casa da Quintã o nosso amigo sr. João Rodrigues Couto a quem não só desejâmos uma feliz viagem como todas as felicidades de que é digno.

=Acha-se entre nós, vindo de Santarem, o sr. Alfredo Pereira Duarte.

C.

Anuncios

Moinho de moer

De tirar agua com uma pedra, vende-se barato e novo.

Trata-se em Esgueira com João Calisto.

CASA

Vende-se uma de um andar no rua de S. Antonio n.os 27 e 27 A.

Para tratar nésta redacção.

CAVALO

Vende-se um de 5 anos, castanho escuro, medindo 1.m 46. Trabalha só e de parelha e a selim.

Para tratar com José Maria da Costa Junior, ao Côjo.

CREADA

Precisa-se para aldeia, que saiba bem de cosinha.

Informações nésta redacção.

Perdeu-se

Um broche em medalha de ouro desde a feira de março á estação. Quem o entregar na sapataria Reis receberá alviçaras.

Objéto de ouro

Achado no domingo, na Feira de Março, entrega-se a quem der sinais cértos.

Nésta redacção se diz.

ARREMATAÇÃO

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 27 do corrente, por 12 horas, á porta do tribunal judicial désta comarca, e por virtude de carta precatoria extraída da execução de sentença que corre na comarca de Lourenço Marques, em que é exequente Clemente Nunes de Carvalho e Silva, e executado Elisio Filinto Feio, casado, residente em Esgueira, vão á praça para serem arrematadas: 6 cadeiras, um canapé, duas cadeiras de braços, tudo de mogno e tampo de palhinha; uma meia comoda de mogno, nma meza redonda de tres pés de mogno e tampo de pinho; um guarda-loiça de mogno, nma meza de jantar, de nogueira; um fogão de ferro com caldeira de cobre; um cofre de ferro á prova de fogo; doze pratos e uma travéssa de porcelana da Vista-Alegre; um lavatorio de ferro com uma bacia de barro; 6 garfos, 6 facas de cabo preto e 6 colheres de chumbo.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para uzarem dos seus direitos.

Aveiro, 14 de abril de 1913.

Verifiquei

O Juiz de Direito
Regalão

O escrivão
Francisco Marques da Silva

Adubos quimicos

A importante casa negociante de Adubos Quimicos e artigos congeneres, **O. Herold & C.ª**, com séde em Lisboa, lembra a todos os srs. lavradores e negociantes de adubos quimicos dos distritos de Aveiro, Viana do Castélo, Porto e Braga o seu escritório de venda e deposito na cidade do

PORTO
22, Rua da Nova Alfandega.

Os srs· lavradores e revendedores da mencionada área, queiram, pois, dirigir toda a sua correspondencia e encomendas a

O. Herold & C.ª

PORTO

A casa

O. HEROLD & C.A
PORTO

está autorisáda e habilitáda pela séde de Lisboa a fechar todas as transações nas condições mais vantajosas possiveis para os compradores, não havendo para os freguezes nem o mais pequeno aumento pelo facto de se entenderem com a sucursal do Porto em vez de com a séde de Lisboa. Todos o lavradores da mencionada região teem, pelo contrario, a grande vantagem de serem mais rapidamente servidos pela sucursal do Porto tanto com as respostas ás suas perguntas como com expedições porque se poupa o tempo que a troca de cartas com Lisboa exige.

Os lavradores do concelho do Porto e dos concelhos cicunvisinhos e que frequentemente teem carros para o Porto teem a grande vantagem de poderem ser a todo o momento servidos de adubos no armazem do Porto que está aberto todos os dias.

Do escritório do Porto um empregado-viajante percorre ameudadas vezes, em viagem, a área dessevida pela dita sucursal.

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores da Rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos até 5 de Maio proximo, para não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 18 de Abril de 1913.

André Reis
e Beja da Silva

"PRONTUÁRIO ALFABETICO„

e outros elementos interpretativos da

LEI DE SEPARAÇÃO
DO ESTADO DAS EGREJAS

Prontuário—Apensos

Lei da Separação
e Legislação citada

Acaba de ser posto á venda, ao preço 500 reis ou 520 pelo correio, o **Prontuá-Alfabetico da Lei da Separação,** livro indispensavel a todos quantos tenham de manusear aquéla Lei e principalmente indispensavel a todas as autoridades, advogados, corpos administrativos, corporações cultuais e ministros da religião.

Além da Lei da Separação e de toda a legislação nêla citada, contém esse livro um desenvolvido prontuário alfabetico e outros elementos interpretativos da mesma Lei, cujo encarecimento é ocioso.

Pedidos, acompanhádos da respétiva importancia, á LIVRARIA DE BERNARDO TORRES—AVEIRO.

Le Miroir de la Mode

Atelier
DE
CHAPEUS e VESTIDOS

Nêstes *ateliers* executam-se com toda a perfeição e rapidez os artigos inerentes aos mesmos.

Satisfazem com prontidão todas as encomendas que lhes fôrem pedidas para á provincia para o que enviarão os respectivos figurinos tanto para a escolha de chapéus como de vestidos. Confeccionam enxovaes para casamentos e batisados.

Pedidos para a Praça Carlos Alberto, n.º 68—PORTO.

Café distinto

MARCA REGISTADA

O melhor da atualidade

Este primoroso café, devido á sua combinação, é o mais forte, saboroso e aromatico

Vende-se em lindas latas achoroadas

Latas de 500 gramas...	350	Pacotes de 250 gramas..	180
" " 250 " ...	180	" " 125 " ..	85

Deposito geral FLOR DO JAPÃO

66, Rua da Sofia, 70—COIMBRA

Chá distinto

Lote especial de **David Leandro**—Recomenda-se este magnifico chá, por ser forte e muito aromático.

VERDE OU PRETO

Pacotes de 100 gramas...	280	Pacotes de 25 gramas..	70
" " 50 " ...	140	Descontos aos revendedores.	

O café e chá DISTINTO, combate todas as marcas do mercado

Cafés moídos desde 300 a 700 réis o kilo

Torrefação e moagem de café a vapor

O proprietario, DAVID LEANDRO

Executam-se encomendas para qualquer ponto do país com grandes vantagens aos revendedores

UNICO DEPOSITARIO EM AVEIRO:

FRANCISCO A. MEIRELES
PRAÇA LUIZ CIPRIANO

onde se encontra á venda artigos de mercearia de 1.ª qualidade por preços sem competencia.

Aceita-se um depositario em cada terra

Escola Secundária e Comercial

RUA FORMOSA=PORTO

Humberto Beça

Com o curso da administração militar, professor d'ensino livre diplomado e publicista

Curso de Guarda-Livros
Curso Secundario de Comercio

Aulas diurnas e noturnas

Português, francês, inglês, alemão, contabilidade, comercio (escrituração comercial), geografia, historia, direito, economia politica, ciencias naturais, caligrafia, dictilografia e estenografia.

Ensino teorico e pratico, sendo o das linguas por professores das proprias nacionalidades.

As matriculas efectuam-se todos os dias das 9 1[2 ás 3 da tarde e das 5 ás 11 da noite.

Pedir programas para a rua do Bomjardim n.º 862.

Recebe alunos internos, semi-internos e externos.

O tratamento daquêles é especialmente cuidado e esmeradissimo.